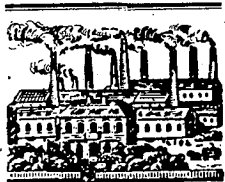


# Expectativas cautelosas para 82

**ECONOMIA 82**

mas não compartilham totalmente delas. Para Wolfgang Sauer, presidente da Volkswagen do Brasil, por exemplo, "ainda há toda uma

Os empresários compreendem as previsões otimistas do governo para 1982, pelos efeitos psicológicos positivos que geram,

via crucis a ser percorrida antes da normalização total da economia". Ele confia nas perspectivas de um reaquecimento econômico no próximo ano, especialmente a partir do terceiro trimestre, mas reconhece que, embora a empresa pretenda atingir seu "ponto de ajuste" dentro de oito a nove meses, com um aumento de 5 a 10% nas vendas internas, só daqui a quatro ou cinco anos retomará seus níveis de faturamento de 1979.

"Nossa massa de manobra

para 1982 é bastante restrita. Por isso, todos devemos fazer o maior esforço para aumentar as exportações, mas sem ilusões, porque as dificuldades são grandes", adverte José Mindlin, principal executivo da Metal Leve e diretor do Departamento de Comércio Exterior da Fiesp. Em sua opinião, não se pode, ainda, prever um crescimento das vendas no mercado interno. "Mas também não esperamos queda", afirma, depois de salientar que a crise deste ano era previsível e poderia ser paula-

tinamente contornada no decorrer dos últimos cinco anos.

Os banqueiros, por sua vez, já perderam as esperanças de obter um limite ao crédito "menos estreito" do que o deste ano. O presidente do Conselho de Administração do Banco Mercantil de São Paulo, Gastão Eduardo de Bueno Vidigal, prevê que o teto para os empréstimos bancários de 50% será mantido em 82, acompanhado por uma baixa nos juros internos, enquanto o presidente executivo do Bradesco, Lázaro de

Mello Brandão, acredita que o próximo ano "ainda será apertado, mas, certamente, bem melhor que 81".

Já o presidente da Abrasca, Victorio Bhering Cabral, vê no déficit do balanço de pagamentos o principal obstáculo para uma reativação econômica acelerada em 82. Em seu entender, o que deverá ocorrer é o reaquecimento de alguns setores onde o nível de desemprego aumentou muito, mas o crescimento do Produto Interno Bruto não deverá superar os 3%.